

BERTRAND RUSSELL

Com o desaparecimento de Bertrand Russell, o século XX perde um de seus maiores **filósofos** e **matemáticos** e também uma de suas consciências mais lúcidas e ardentes.

Apaixonadamente admirado por uns, cordialmente detestado por outros, poucos homens terão suscitado, em vida, tantas paixões como este intelectual de alta envergadura que, enfermo e aos 98 anos de idade, não vacilou em ir à rua para discutir com os jovens suas profundas convicções pacifistas.

Assim, passou Russell das ciências matemáticas para a filosofia, da filosofia ao jornalismo, do jornalismo à ação, em uma comunhão exaltante com os problemas de seu tempo e na defesa sem trégua de alguns valores humanos permanentemente ameaçados de destruição.

Matemático aos 30 anos, **filósofo** aos 50, **apóstolo** e **profeta da paz** aos 80, Bertrand Russell foi também um **sociólogo**, um **historiador** e um **ensaísta**. Terceiro conde de uma das mais prestigiosas famílias britânicas, Russell foi indiscutivelmente um **intelectual** e um **aristocrata**, aliança sempre inquietante, sobretudo na Inglaterra.

Nascido em 18 de maio de 1872 (em Trellek), perdeu muito cedo seus pais, sendo educado por seu avô paterno, lorde John Russell (ministro da Rainha Vitória), e por sua avó, descendente da ilustre e muito antiga família dos condes de Derby. Aos onze anos descobre a Matemática. Foi o primeiro grande acontecimento em sua vida, “tão deslumbrante como um primeiro amor”, escreveria mais tarde. Essa lua-de-mel algébrica durou até os 38 anos; porém, entremearia sua vida com outros amores.

Após uma adolescência puritana e estudos excepcionalmente brilhantes em Cambridge – onde diplomou-se em Filosofia –, o jovem Russell casa-se aos 22 anos e pouco tempo depois estabelece relações apaixonadas com lady Ottoline Morrell, animadora do salão mais intelectual da época. Mas sua vida amorosa não se detém aí, e a contaria em sua autobiografia, com pena aberta e sem a menor sombra de melodrama.

Depois de estudar (em colaboração com seu amigo Alfred North Whitehead) as obras do famoso matemático Giuseppe Peano, publica o que seria a sua contribuição mais importante à ciência matemática: **Principia Mathematica** (1910-1913).

Ao mesmo tempo em que contraía novo matrimônio – casou-se pela quarta vez em 1927, aos 80 anos – sua vida profissional derivava da Matemática à Filosofia até chegar ao compromisso político.

Durante a I Guerra Mundial, Bertrand Russell desenvolveu intensa atividade pacifista. Em consequência, foi destituído de seu posto na universidade e condenado a seis meses de prisão, onde escreve **Introdução à Filosofia Matemática**, uma de suas obras mais importantes, pois estabelece os fundamentos de uma lógica na qual o raciocínio matemático substitui o silogismo aristotélico.

Ao terminar a guerra, filiou-se ao Partido Trabalhista. Viaja para a União Soviética a fim de estudar as condições em que se desenvolvia a Revolução Russa, da qual tornou-se simpatizante, em seu regresso publica um livro sobre o bolchevismo.

Nos anos vinte, consagra livros à **relatividade** e à **Física Nuclear**. Sua obra mestra neste período: **O Esboço da Filosofia**, foi publicada em 1927. A partir de então, a **Sociologia** e a **Educação** o atraem cada vez mais. Com sua segunda esposa, Dora Winifred, funda uma escola aberta a alunos de ambos os sexos e escreve obras autenticamente revolucionárias para aquela época, entre elas **O Matrimônio é Amoral**.

Pouco antes da II Guerra Mundial, viaja para os Estados Unidos, onde não conseguem uma cátedra sequer nas universidades, devido suas idéias avançadas. Pela primeira vez em sua vida de escritor nada produz, num período de seis anos. Em 1944 volta à Europa e, em 1946, publica sua **História da Filosofia Ocidental**, de êxito imediato e completo.

Aos 78 anos, recebe o **Prêmio Nobel de Literatura**. Cambridge abriga novamente suas portas a esse filho pródigo, que parece orientar-se para tranquilos temas biográficos e históricos, com alegres escapadas para a ciência-ficção, num sereno caminhar para uma velhice gloriosa e inofensiva...

Mas isto só poderia acreditar quem não conhecia Bertrand Russell. A ameaça nuclear reaviva com maior ardor a velha chama política que parecia apagar-se. Em 1958, escreve **O Sentido Comum e a Guerra Nuclear**, seguido de uma obra com o título **O Homem tem um futuro?**

Russell nunca perdeu sua fascinação pelos problemas da Humanidade. Aos 90 anos dizia: “Eu acreditava que, quando chegasse o tempo, me retiraria do mundo e viveria uma vida de cultura elegante lendo todos os grandes livros que desejei ter lido antes... É difícil romper um longo hábito de trabalho com algum objetivo que alguém acredita importante, e poderia ter achado aborrecido o descanso elegante. É-me impossível ignorar o que ocorre”.

Durante a crise cubana dos foguetes soviéticos, em 1962, interveio pessoalmente ante Kennedy e Kruchev. Abandonou depois a ação direta buscando a influência moral. Foi então que criou a **Fundação Bertrand Russell pela Paz**, em setembro de 1963. A guerra do Vietnã faz de Russell um militante ativo contra a intervenção norte-americana. Sua **Fundação** organiza o **Tribunal para os crimes de Guerra no Vietnã**, presidido por Jean Paul Sartre para colocar os Estados Unidos moralmente em acusação, ante a opinião pública. Organizou igualmente um tribunal similar logo após a invasão da Checoslováquia, pelos soviéticos, em 1968.

Militante ardente e apaixonado, certamente era também irremediavelmente céptico, como aparece em suas memórias, a última obra de sua longa vida, cujo terceiro volume saiu no dia em que festejava seus 97 anos. Em sua autobiografia, escreveu: “Três paixões, simples mas esmagadoramente fortes, governaram minha vida: o anseio de amor, a busca do conhecimento e uma insuportável piedade pelos sofrimentos da Humanidade”.